



Dom Messias dos Reis Silveira
Bispo Diocesano de Uruaçu – GO

Carta Pastoral

“Sete Cestos Cheios”
(Mt 15, 37)

Índice

Sete cestos cheios.....	06
Sete anos de Episcopado.....	08
A Bíblia e o número sete.....	10
Os Sete Sacramentos.....	13
Os Sete Dons do Espírito Santo.....	24
Os Sete Pedidos.....	31
As sete dores de Nossa Senhora.....	36
As sete alegrias de Nossa Senhora.....	40
Conclusão.....	45

Sete anos de Episcopado

A Bíblia e o número sete

Os Sete Sacramentos

“Sete Cestos Cheios” (Mt 15, 37)

Os Sete Dons do Espírito Santo

Os Sete Pedidos

As sete dores de Nossa Senhora

As sete alegrias de Nossa Senhora



Dom Messias dos Reis Silveira

Bispo Diocesano de Uruaçu – GO

“Sete cestos cheios” (Mt 15,37)

Caríssimos irmãos Presbíteros, Diáconos, Religiosos, Religiosas, Consagrados, Consagradas, Seminaristas, Vocacionados, Vocacionadas, Agentes de Pastorais e Movimentos, Cristãos Leigos e todos os filhos e filhas de Deus que vivem na amada Diocese de Uruaçu,

Sete cestos cheios (Mt 15,37) foi o que sobrou depois que todos ficaram saciados, após a multiplicação dos pães realizada por Jesus. Toda ação pastoral é uma multiplicação das graças de Deus para um povo. Normalmente nos nutrimos para ganhar mais energia para trabalhar. Estou no sétimo ano de episcopado e por isso sinto que muitas pessoas foram saciadas e ainda temos sete cestos para levar às pessoas para que a alegria do Evangelho anime a todos.

Normalmente os Bispos têm o costume de escrever cartas pastorais às suas Igrejas Particulares. Este é um costume bastante antigo na Igreja. Via de regra, nestas cartas, eles procuram tratar de assuntos que estão muito ligados aos seus desejos pastorais. Além de falar às pessoas em vários momentos enquanto exercem o ministério, eles documentam suas vontades por meio de cartas pastorais. Elas se tornam uma mensagem para as pessoas.

Jesus não escreveu nenhuma mensagem. Os Evangelhos foram escritos muito tempo depois de sua morte. Ele não apenas pronunciou uma mensagem para o mundo, mas ele mesmo foi uma mensagem viva às pessoas.

Ser mensagem é muito desafiador, pois exige compromisso, vivência e, principalmente, objetiva cativar as pessoas para que ouçam e acolham a mensagem.

Estou completando sete anos de ordenação episcopal. A Igreja me enviou para o meio de vocês, investido da missão episcopal. A minha posse

canônica se deu no dia 25 de março de 2007. Durante estes sete anos, eu pronunciei muitas palavras, escrevi alguns textos, enviei mensagens, falei com as pessoas, fiz pregações e assim entrei na vida de muita gente. O tempo passou rápido e tendo passado sete anos venho lhes entregar a minha primeira Carta Pastoral. Ela é fruto do que vivemos neste tempo e da esperança de viver o que Deus continua nos inspirando a realizar.

É no embalo da espiritualidade dos sete anos de ordenação episcopal e posse canônica que redijo esta carta. A minha inspiração literária nasce do significado do número sete e, a partir deste numeral, vou buscando iluminação para a minha mensagem: na Bíblia, na devoção popular, na riqueza doutrinária da Igreja e na própria vivência. Desta forma penso e rezo os sete anos de episcopado, tornando-o mensagem. Penso nas inúmeras vezes que este número aparece na Bíblia, na totalização dos Sacramentos da Igreja, nos dons do Espírito Santo, nos pedidos do Pai Nosso, nas dores e alegrias de Nossa Senhora, e na infinita misericórdia com que Deus perdoa seus filhos, pois cada um de nós é chamado a perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete. Assim penso que este numeral, visto a partir da mística, tem um grande significado. Estamos vivendo juntos a leveza do mistério de Deus que, depois de maravilhar-se com a sua criação, descansou no sétimo dia. É tempo de Deus descansar em nós. É tempo de trabalharmos sem dar tanto trabalho para Deus.

Aqui está a minha carta pastoral para todos vocês amados diocesanos. Nela falo de muitas constatações que tive ao longo desses anos. Algumas são boas e outras precisam ser melhoradas. Em alguns parágrafos desta carta, toco em feridas pastorais que podem causar dor, mas o faço com intenção de levar todos a melhorar e a crescer.

Primeira Parte

1

Sete anos de Episcopado

No final do ano de 2006 recebi a notícia de que o Santo Padre, o Papa Bento XVI, havia me nomeado Bispo da Diocese de Uruaçu. Era o dia 20 de dezembro. Eu deveria manter aquele segredo até o dia 03 de janeiro de 2007, que foi o dia escolhido para que a notícia se tornasse pública. Aqueles dias de silêncio foram vividos com muita oração pelo povo que eu já estava amando sem ainda conhecê-lo. Enfim chegou o dia em que a notícia se espalhou para todos os cantos. Eu era o padre que seria ordenado Bispo e enviado pela Igreja para Uruaçu. Depois de ordenado, aqui cheguei para tomar posse da Diocese.

No dia 25 de março, em meio a muitas emoções e também assustado, assumi a Diocese como Bispo Diocesano. Desejei logo conhecer toda a Diocese. Eu havia dito na homilia que já estava comprometido com toda essa Igreja Particular, mas na medida em que meus olhos avistassem as pessoas e a planta de meus pés tocasse o chão de alguma cidade o meu compromisso seria maior, pois cresceriam os vínculos afetivos e espirituais. Logo em seguida, comecei a viajar pela Diocese. Em três meses percorri todo o território diocesano. Quanta alegria em me sentir amado e acolhido pelas pessoas que com muita simplicidade se aproximavam para um abraço, um aperto de mão, um pedido de bênção ou de orações. Ofereciam-me presentes que representavam a ternura que tinham em relação ao bispo.

Entrei numa história diocesana construída com muito zelo pelos meus predecessores. Encontrei um chão bem preparado, uma lavoura produzindo muitos frutos e logo percebi que minha missão era colher e continuar a cultivar o chão de Deus.

Nestes sete anos aqui vividos, encontrei muita gente animada, muitos sacerdotes zelosos, muitos consagrados e consagradas envolvidos de corpo e alma na ação pastoral, muitos jovens animados a dar o sim ao chamado de Cristo, muitos casais zelosos na educação dos filhos e muitos evangelizadores trabalhando pelo Reino de Deus sem medir esforços e muitas crianças e adolescentes esperançosos de crescerem no afeto catequético.

O Espírito Santo nos conduziu a criar novas paróquias, a construir um novo plano de pastoral, a fortalecer a pastoral presbiteral, a apoiar a promoção

vocacional e a formação dos seminaristas, a realizar reformas estruturais, a adequar e reformar instalações físicas e a prosseguir com todo povo no processo de evangelização. Deus realizou muitas obras através dos servidores do seu povo nesta Diocese.

A Diocese me ensinou a ser Bispo. No começo eu dizia que era um Bispo aprendiz. Hoje tenho consciência que ainda tenho muito a aprender, mas também nestes setes anos acumulei experiências que têm me ajudado e me ajudarão no futuro.

Tive a graça de ordenar 25 padres diocesanos e alegro-me ver que é grande o número de jovens que estão no seminário, ou estão fazendo o caminho vocacional com vistas a ingressarem no seminário. Entretanto, neste tempo também tive a angústia de acompanhar seis padres que desistiram do ministério.

Não posso negar que tive momentos de tristezas ao longo deste período, mas as alegrias foram bem maiores. Digo, com toda certeza, que sou feliz e estou muito feliz na missão que a Igreja me confiou. Agradeço a Deus porque Ele me chamou e com Sua Graça vem me acompanhado.

Agradeço aos Cirineus que me ajudaram a carregar a cruz, quando ela estava pesada e especialmente peço a Deus que olhe com seu amor de Pai a todas as pessoas que têm me sustentado com suas orações.

Não digo que nosso passado está fechado com sete chaves, mas sim que o nosso futuro está aberto e ainda temos sete chaves de esperança para abrir o que porventura se fechar. O passado dá suporte para que nossos pés se firmem e com coragem possamos dar passos rumo ao amanhã. O Senhor espera muito de nós. Prossigamos, sabendo que aos pés de quem ama nasce um caminho esperançoso, mesmo que o amado tenha as suas fragilidades. Deus faz novas todas as coisas, inclusive as nossas velhices humanas.

Segunda Parte

2

A Bíblia e o número sete

Ao completar sete anos de episcopado, comecei a pensar seriamente sobre o que eu devo comunicar neste momento aos meus diocesanos. A inspiração me veio do próprio número sete. Esse número traz em si um significado muito especial nas Sagradas Escrituras. Ele significa totalidade, plenitude, completude. Algumas vezes esse número é multiplicado por si mesmo (7 x 7 ou 7 x 70); isso não significa excesso, mas remoção do limite implicado na totalidade. Assim Caim é vingado 7 vezes, Lamec 7 x 70 (Gn 4,24). Há 7 anos de fartura e 7 anos de carestia no Egito (Gn 41,2ss). O cabelo de Sansão é amarrado em 7 tranças (Jz 16,13). Na queda de Judá, 7 mulheres tentarão casar-se com um homem (Is 4,1). Balac levanta 7 altares para 7 vítimas (Nm 23,1). Rute é melhor do que 7 filhos (Rt 4,15). O menino ressuscitado por Eliseu espirra 7 vezes e revive (2Rs 4,35). Os israelitas marcham 7 dias em volta de Jericó (Js 6,1ss). Há 7 povos pré-israelitas de Canaã (Dt 7,1). Os 6 dias da criação, seguidos por um 7º dia de descanso, são a obra completa e perfeita (Gn 2,1-3). Há 70 povos no mundo (Gn 10) e 70 pessoas na família de Jacó (Gn 46,27; Ex 1,5). Há 7 dias dos ázimos (Ex 12,15.19). O número ocorre frequentemente nos ritos de purificação ritual (Lv 12-15). Naamã deve lavar-se 7 vezes no Jordão (2Rs 5,10).

A mesma ideia de plenitude nota-se no uso neotestamentário do número 7. Os saduceus propõem um caso de 7 irmãos que se casaram com a mesma mulher (Mt 22,25; Mc 12,20; Lc 20,29). Os 7 pães que são multiplicados deixaram 7 cestos de fragmentos (Mt 15,34-37; Mc 8,5.8). O espírito mau que retorna depois do exorcismo traz outros 7 espíritos piores do que ele mesmo (Mt 12,45; Lc 11,26). Sete demônios são expulsos de Maria de Mágdala (Lc 8,2). O simbolismo do 7 é extremamente evidente no Apocalipse: Há 7 igrejas (1,4), 7 candelabros (1,13), 7 estrelas (1,16), 7 espíritos (1,4;4,5), 7 selos (5,1), 7 trombetas (8,2), 7 cabeças de serpente (12,3), 7 pragas (15,1). Sete homens foram indicados para assistir os Doze Apóstolos em Jerusalém (At 6,2ss).

Um refinamento do simbolismo do número nota-se em Mt 18,21-22 em contraste com Lc 17,4. Em Lucas, sete vezes o número da totalidade e

perfeição é estabelecido como o número de vezes em que o perdão deve ser concedido. Porém, Mateus multiplica 7 x 70 e exprime o que não é tão claro na fórmula de Lucas, isto é, que a perfeição do perdão, significado pelo 7, consiste na superação de qualquer limite do número de vezes em que se deve perdoar.

Contemplando essa exuberância do uso do número sete na Bíblia e pensando na realidade pastoral de nossa Diocese tenho algumas aspirações:

1. O que deve nos nortear não são os limites de nossas imperfeições. Elas existem, mas é preciso ter coragem e olhar para frente. Por menor que seja o passo de conversão dado pelo pecador, esse passo tem um grande significado. O ser humano foi criado no sexto dia e no sétimo Deus descansou. O homem não é Deus, mas está muito próximo Dele e sua existência até permite Deus descansar. É preciso deixar Deus descansar ao nosso lado. Muitas vezes ficamos querendo que Deus faça tudo por nós, mas é preciso agir com a confiança de que Ele está aí, ao nosso lado.
2. Como na história do Povo de Deus houve sete anos de fartura e sete anos de carestia, é preciso viver de tal modo que saibamos aceitar os momentos de carestia em nossas vidas. Algumas vezes nos faltam emprego, moradia, alimento, apoio, paz, saúde, fé, justiça, amizade e dignidade. Vivemos na amargura, na dor, na tristeza, na fraqueza e na crise. São os anos de sequidão e de angústia que atravessamos. Este é um tempo propício para fazer a experiência da perda, do abandono e aguardar o germinar de uma nova vida em Cristo.
3. Naamã deve lavar-se 7 vezes no Jordão (2Rs 5,10). Os rituais de purificação ajudavam as pessoas. Eles reintegravam as pessoas na sociedade. Feliz de quem busca se purificar das coisas do mundo, do espírito de maldade, das lepras que discriminam e se reintegra. A comunidade deve ser uma fonte onde as pessoas se purificam e se sentem acolhidas. Deus espera que nossa Igreja seja acolhedora de todas as pessoas que vêm para ouvir a Sua Palavra e Nele desejam buscar a vida nova. Devemos ajudar na purificação e jamais no afastamento. Vale lembrar que, para se sentir acolhido e amado, é preciso dedicar tempo sem julgamento. Ninguém vem à Igreja para ser julgado, mas para ser acolhido, amado e perdoado. A evangelização ilumina e gera conversão. O Evangelho é Palavra de Salvação e jamais de condenação. Não é bom fazer discursos duros na Igreja como aqueles que humilham as pessoas. Conheço pregadores que foram muito duros com o povo e, tempos depois, eles

mesmos caíram escandalosamente.

4. Os Israelitas marcharam sete dias em torno de Jericó (Js 6,1ss). Vivemos em um tempo em que quase ninguém gosta de fazer muito esforço e assumir compromissos. É preciso ter coragem para tomar posse da cidade do amanhã. É preciso gastar tempo na formação catequética, na participação da Missa dominical, na participação das reuniões feitas para o bem pastoral das comunidades e da diocese. É preciso que os sacerdotes não faltem aos compromissos diocesanos, às reuniões. É preciso ir até o fim. Sete dias foi o tempo de preparação para entrar na cidade. Não podemos desistir. É preciso agir sem preguiça, ou sem criar outras motivações para não participar.
5. O espírito mau que retorna depois do exorcismo traz outros 7 espíritos piores do que ele mesmo (Mt 12,45; Lc 11,26). A santificação não é uma espécie de vacina que a pessoa toma e depois pode abandonar o caminho da graça, sentindo-se segura para o resto de sua vida. Crescimento contínuo é o que deve ser almejado por todos. Quantas vezes o cristão se descuida e, quando menos se espera, aquele que era tão bom, que participava da Igreja, que tinha vida sacramental, abandona tudo e passa a viver uma vida distante de Deus. É preciso ter muito zelo com o crescimento espiritual. Esse zelo não pode ser apenas individual, mas eclesial. Quando alguém cai, nós caímos um pouco com essa pessoa; quando ela se levanta, a Igreja com ela também se levanta.
6. Sete homens foram indicados para assistir os Doze Apóstolos em Jerusalém (At 6,2ss). É uma referência clara ao ministério dos diáconos. A nossa Diocese aprovou a implantação do Diaconado Permanente. Algumas pessoas ainda têm resistência para acolher esse ministério. É preciso abrir-se ao sopro do Espírito Santo. Mente e corações fechados prejudicam o crescimento da Igreja. Uma Igreja feita do tamanho dos nossos gostos, sem abertura para o que Deus nos inspira, torna-se uma Igreja estéril destinada ao fechamento e à perda de fiéis.
7. O perdão renova a vida e abre a pessoa para o futuro. É preciso perdoar sempre, não só sete vezes, mas setenta vezes sete (Mt 18,21-22). Aspiro que sejamos uma Igreja renovada pelo perdão. Essa renovação nos conduzirá a uma boa convivência. Pessoas perdoadas e que estão prontas a perdoar não têm dificuldades para conviver, reunir e celebrar. O perdão gera vida.

Terceira Parte

3

Os Sete Sacramentos

Existem sete realidades que marcam, em algum momento, a vida de todo ser humano. Essas realidades são o nascimento, a comunidade, a fome, o pecado, a doença, o amor e a presença de Jesus. Os sacramentos da Igreja são encontros especiais de Cristo na vida humana especialmente em alguma dessas realidades.

O nascimento é a entrada para este mundo e a Igreja celebra o Batismo que é o Sacramento da entrada da pessoa para a vida divina. Pelo Batismo, a pessoa se torna filha de Deus e, como o pai ama muito seus filhos, o batizado é um amado de Deus. Quem é batizado é chamado a crescer na participação da vida divina.

Uma outra realidade importante é que o ser humano não vive isolado, mas encontra outras pessoas e com elas convive a começar pela família. O Sacramento da Crisma é a confirmação do Batismo pelo qual a pessoa faz parte da família de Deus. A Igreja é a extensão da família divina neste mundo. Por meio dela se pode participar da vida de muita gente irmanada na graça sacramental. Pela Crisma a pessoa faz uma profunda adesão pessoal a Cristo e à sua Igreja. Quem é crismado pertence a Deus.

A realidade da fome leva as pessoas a procurarem a comida. Existe uma grande fome de Deus no mundo. Jesus instituiu a Eucaristia para que as pessoas possam se alimentar Dele e, nutridas, estejam prontas para viver a missão que foi confiada por Deus.

Quem tem fé sabe do mal que o pecado causa na vida humana. Ele afasta as pessoas de Deus, rompe a comunhão entre os irmãos e destrói interiormente a pessoa. O Sacramento da Penitência restaura a vida divina na vida humana. A doença espiritual é curada. Quem é perdoado fica em paz. Por este sacramento, Cristo vem ao encontro do pecador para lhe perdoar e indicar um caminho novo.

Nenhuma pessoa está livre da doença. Ela aparece na vida da família, na vizinhança e na vida pessoal. O enfermo é uma pessoa querida de Jesus. No sofrimento se pode ter um encontro pessoal com Jesus e amadurecer na vida. Pelo Sacramento da Unção, a pessoa tem a graça confortadora de Jesus no momento em que está vivendo a fragilidade da vida, seja pela doença ou pela velhice.

Por causa do amor muitas histórias bonitas já foram construídas. O amor entre um homem e uma mulher é gerado por Deus e este amor pode levá-los ao altar para celebrarem o Sacramento do Matrimônio. A vida matrimonial bem vivida pode levar o casal ao encontro salvador com Cristo.

A vocação sacerdotal é um dom de Cristo para a sua Igreja. Pelo Sacramento da Ordem, o sacerdote passa a agir “in persona Christi”. O ministro ordenado é a presença visível de Cristo na terra. Ele existe para realizar na terra o que Cristo deseja realizar em favor das pessoas.

Os Sete Sacramentos despertam muito para o agir pastoral. Muitas pastorais existem por causa dos Sacramentos. Algumas preparam a recepção; outras, os celebram; e há ainda as que acompanham e estimulam a formação continuada na fé. A pastoral sacramentária merece uma atenção muito especial. Para o seu bom funcionamento, necessita preparar agentes, dar formação e acima de tudo ter agentes tocados por uma mística sacramental. Caso contrário, a preparação catequética terá um caráter professoral, o que leva alguns agentes a não darem testemunho evangélico nas celebrações. Na liturgia, por exemplo, há os que fazem do momento celebrativo uma mera prestação de serviço, tendo a coragem de se ausentarem, quando não exercem quaisquer funções nas celebrações.

Cada Sacramento da Igreja é uma fonte imensurável de graças. Essas sete fontes estão abertas na vida eclesial e jorram os elementos da santificação para os seus filhos. Vou dizer uma palavra sobre cada um desses sacramentos.

1. Batismo

O primeiro dos Sacramentos é o Batismo. Mesmo que seja uma única pessoa para ser batizada na celebração deve existir na comunidade uma grande alegria, um grande acolhimento. Fico triste quando alguém procura a Igreja e é maltratado, seja pelo padre ou por algum agente de pastoral. A Igreja precisa ser acolhedora. Uma linguagem muito humana e afetiva desperta o desejo a muitas pessoas de participar da comunidade. Ninguém vai a uma casa para apanhar. Quando se vai a uma casa, espera-se ser acolhido e na Igreja essa acolhida deve ser generosa. Deve-se tratar com carinho aquelas situações em que ainda não existem as condições para que aconteça o batizado. Deve-se orientar para a boa escolha dos padrinhos. É preciso dizer que a Igreja não nega o Batismo, mas exige algumas condições principalmente a garantia de que o batizado será acompanhado no crescimento de sua fé. Os pais amasiados que querem batizar os seus filhos, se não desejam esperar o tempo da catequese, podem batizar, desde que participem de alguns encontros de evangelização nos quais deve ser falado sobre o sacramento do matrimônio. Não se pode forçar a

casar só para batizar, mas deve-se apresentar o casamento como uma necessidade para quem deseja ser discípulo de Jesus e quer que o filho também o seja.

2. Crisma

A Crisma deve ser bem preparada. Muito mais do que aprender conteúdos, é necessário despertar para o encantamento pela Igreja. Jamais a catequese tenha o caráter professoral e se confunda com o término do ano letivo. É preciso fazer muitas vezes a experiência da leitura orante da Bíblia com os crismandos. Práticas de caridades devem ser levadas em conta e laboratórios de experiências pastorais são muito proveitosos. Muitas vezes se faz necessário sair das salas dos encontros. É preciso tomar o cuidado de não ter uma sala com turma muito grande, pois prejudica a convivência e a formação. Um apaixonado pelo discipulado de Cristo está preparado para ser crismado.

3. Eucaristia

A Eucaristia precisa ser o centro da vida da comunidade. Faz-se necessário despertar novamente para o significado do domingo enquanto dia do Senhor e dia de participar da Missa. Alguns padres não celebram a Missa vespertina do domingo e não ensinam ao povo que a Missa de véspera no sábado é de preceito, ou seja é a mesma Missa do domingo. Caso alguém participe no sábado e não pode participar no domingo já cumpriu o seu preceito.

Existem aquelas situações em que a falta de pontualidade tanto para o início da Missa como para o seu término prejudica os fiéis. Uma Missa, por exemplo, aos domingos pela manhã, que se alonga muito, acima de duas horas, gera instabilidade na comunidade e diminui a participação. As mulheres não sabem a que horas terminará a Missa e não têm certeza quando voltarão para casa para fazer as refeições. Outras pessoas que podem ter compromissos ficam preocupadas e acabam não indo à Missa. Neste caso, a culpa é do padre que não gera estabilidade nos seus horários.

Santos e pecadores se reúnem para participar da celebração do santo mistério da Eucaristia. A assembleia que se reúne não necessariamente tem que ser santa. Como disse o Papa Francisco: “A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas remédio para os fracos” (EG 47). Jamais o padre ou os agentes de pastorais devem agir como fiscais que controlam a aproximação das pessoas a Cristo, escolhendo as mais santas. Olhares hipócritas discriminam. Seja a Igreja uma casa de

acolhida onde os pecadores buscam o remédio para se curarem. Nenhum médico pede para o doente voltar para sua casa, se recuperar e depois voltar para lhe receitar o medicamento. Na convivência entre irmãos e na presença de Jesus, muitas vidas vão mudando. Não se trata de incentivar quem está irregular a comungar. É preciso lembrar que a Eucaristia não se resume na comunhão. Toda ela é presença de Jesus de maneira especial no pão e vinho consagrados.

Tudo na Celebração Eucarística conduza para um profundo encontro com o Senhor e com os irmãos inclusive com a pessoa do sacerdote. Embora algumas vezes o sacerdote tenha que fazer exortações e correções, é preciso tomar o cuidado para não ferir e afastar as pessoas. É dolorido para a pessoa trabalhar a semana inteira, passar por dificuldades e ao ir à Missa, ao invés de voltar serena, volta com raiva, porque foi xingada. Quando a Missa é bem celebrada e no final dá-se uma bronca, quebra-se a harmonia do mistério e desvaloriza-se o que celebrou. Correções devem ser feitas com cautela e no momento próprio.

Exista grande harmonia entre as equipes que prestam o serviço litúrgico. Vale lembrar que é um ministério santo poder ajudar alguém a rezar.

As pessoas sejam estimuladas a visitarem a capela do Santíssimo. Haja momentos de adoração nas paróquias. Nas comunidades rurais, onde não acontece a Missa dominical e houver possibilidade, aconteça a Celebração da Palavra com a distribuição da Eucaristia. É preciso ter muito zelo para que as pessoas tenham a fome de Deus saciada.

4. Penitência

Por meio do Sacramento da Penitência, a pessoa e toda a comunidade se renovam. Quando alguém se confessa, tudo em sua volta recebe da paz que emana de seu peito. Existe mais paz numa comunidade e nas famílias onde as pessoas buscam o sacramento do perdão.

Em nossa Diocese, os sacerdotes têm se colocado à disposição para o atendimento das confissões. O zelo por parte dos padres no que se refere a esse sacramento é maravilhoso. Os próprios sacerdotes também se confessam com frequência. Assim a Diocese vai se renovando. Eu também procuro não me distanciar da confissão sacramental. Sou pecador e preciso de reconciliação. Há alguns sacerdotes na Diocese que têm me dado a graça do perdão, quando os procuro. A Graça de Deus está em nosso meio e não podemos deixar que o pecado nos envelheça interiormente, tornando-nos maus e nos afastando de Deus e das pessoas.

Penso que se faz necessário encontrar horários à noite para o

atendimento de confissões. Muitas pessoas gostariam de se confessar, mas não são liberadas do trabalho para tal fim. As empresas poderiam também promover horários de atendimento de seus funcionários. Funcionários reconciliados produzem mais porque estão em paz.

Uma atenção especial precisa ser dada aos santuários que existem na diocese. Desejo muito que todos os sacerdotes assumam o compromisso de atender às confissões dos romeiros. Tem diminuído o número de presbíteros que têm se deslocado até aos santuários para o atendimento das confissões. O amor de Maria reanime a todos a se colocarem na romaria do perdão. É preciso ser generoso na distribuição das graças que Deus colocou em nós para serem distribuídas às pessoas. Não se pode deixar de ir atender nas romarias por questões pessoais ou financeiras. Vale lembrar que somos diocesanos e não apenas paroquiais. Somos servos sem busca de recompensa ou gratificação. Acima de tudo deve estar a misericórdia.

O sacramento da confissão seja levado também lá onde existe a condenação. O sacerdote leve a misericórdia do Senhor aos irmãos que estão presos e são evangelizados pela Pastoral Carcerária. Não se pode descuidar dessa dimensão.

Quem caiu por fraqueza espiritual, encontre uma mão amiga para levantá-lo. A mão do sacerdote seja a mão de Cristo que perdoa e ajuda a andar. “Vai em paz, os teus pecados estão perdoados”.

5. Unção

Certa vez ouvi dizer que a sociedade é um grande hospital. Há muitos enfermos. Impressiona-me muito o carinho que Jesus tinha para com os enfermos. Acolhia a todos. O seu olhar alcançava aqueles que não o conseguiam alcançar. Ele tomava a iniciativa e ia ao encontro deles. Ele era a cura para as pessoas. Nas comunidades é preciso gerar discípulos curadores. Aqueles que levam o conforto a quem está hospedando a doença ou a velhice em seu corpo. Os sacerdotes são curadores. A graça da cura de Cristo foi entregue a eles para que a apliquem no hospital que é o mundo. O sacerdote pode ungir, realizando a cura desejada por Cristo. O sacramento da unção perdoa os pecados e cura as pessoas. Algumas são curadas para continuar neste mundo e outras são curadas para a eternidade. O importante é ministrar essa cura. Não se pode descuidar e nem deixar para depois.

Tenho um arrependimento por haver me descuidado. Acompanhei o término da vida terrena de meu pai. Lá no hospital ele parecia estar melhorando. Ele me disse, na véspera de sua morte, que estava em paz. Eu já estava me preparando para retornar para a diocese. Não lhe ofereci o

Sacramento da Unção. Na manhã do dia seguinte, ele faleceu sem ser ungido. Ao seu lado estava o seu filho bispo. Quando notei que estava passando mal, chamei pelo atendimento e ele foi levado para a sala de emergência. Nessas horas a gente fica meio atordoado e ele passou para a eternidade sem a unção. Na hora eu rezei fazendo a entrega de sua vida nas mãos de Deus e pedindo a força para viver aquele momento de despedida. O meu conforto é que ele já havia recebido a Unção em algumas vezes por causa da velhice. Era um homem de muita fé e de grande religiosidade. Foi um excelente catequista e por isso imaginei-o recebendo o abraço de paz do Senhor da Paz. Diante desse fato, fico pensando que não devemos deixar absolutamente nada para depois. Ninguém sabe a hora. Um dia fui visitar o meu vizinho que estava mal. Na saída perguntei à família se ele tinha sido ungido. Disseram-me que não. Ofereci a Unção e ele foi ungido. Quando estava saindo, a sua esposa comentou sobre o medo de pessoas receberem a Unção, pensando que é o final. Ela disse: “Unção não é para morrer, não é mesmo?”. Eu lhe disse que era a Graça de Cristo para o enfermo necessitado de conforto. Meia hora depois aquele homem partiu para a eternidade. Não podemos nos descuidar. É preciso ficar preparado para as surpresas de Deus.

É bom que nas paróquias exista a Pastoral da Saúde para acompanhar aos enfermos. A Pastoral da Saúde faça visitas aos hospitais e veja quais os doentes estão precisando da presença do sacerdote.

Na Diocese, há o costume de se celebrar a Missa com a bênção da saúde. Seria admirável celebrar a Missa dos enfermos e idosos. É preciso que ela seja celebrada num horário que possibilite a participação deles. Em algumas ocasiões, nessas Missas, poder-se-ia ministrar o Sacramento da Unção aos que necessitam.

Desejo que a saúde se difunda sobre toda nossa Diocese (CfEclo 38,8) e que essa nossa Igreja Particular se torne curadora.

6. Matrimônio

O Papa Francisco ao falar para milhares de jovens no Rio de Janeiro, durante a Jornada Mundial da Juventude disse que o casamento não está fora de moda. E questionou os jovens: “Está fora de moda?” Eles responderam em unísono: “Não”.

O matrimônio entre um homem e uma mulher deve continuar sendo valorizado. A pregação da Igreja não pode deixar a desejar neste ponto. Desde o namoro, exista um compromisso de escuta, objetivando amadurecer a vocação matrimonial.

É preciso incentivar os casais a terem filhos. A paternidade e

maternidade responsáveis precisam ser exercidas. As paróquias busquem a ajuda especializada para a formação de grupos que reflitam sobre os métodos naturais de contracepção. Há na diocese um projeto em crescimento nesta dimensão o qual está dando certo. Os sacerdotes implantem esse projeto em suas paróquias.

Os casais novos recebam o acompanhamento da Igreja especialmente das pastorais relacionadas à família. Todo começo precisa de um bom acompanhamento. Veja quantos anos os pais acompanham o crescimento dos filhos. A vida matrimonial também é crescente, pois, se não se faz o acompanhamento, ela enfraquece.

Nesta região existem poucos casamentos. Existem empresas exploradoras que têm lucrado com o casamento. Cobram caro pelos serviços prestados. Nem sempre a beleza da cerimônia organizada por essas empresas dá sustentação à vida matrimonial. O casamento se desfaz se falta uma base maior. Também a preparação fragilizada vinda desde a família, passando pela catequese, nem sempre tem dado as bases sólidas para que o casamento dure até que a morte separe os cônjuges. Existem muitos motivos que levam os casais a se separarem. A fidelidade nascida do encontro com Deus precisa ser recuperada. Aqui estamos diante de um grande desafio. A nossa fé deve ser grande e se faz necessário que os noivos e família sejam pessoas de fé e que acreditem no casamento duradouro até a morte.

Existem em nosso meio muitos casais amasiados. Muitos em condições de celebrarem o matrimônio. É louvável o trabalho da Pastoral Familiar que tem preparado muitos casais e os conduzido à graça do sacramento do amor.

É preciso existir uma grande acolhida a todos esses casais. Eles devem se acostumar a frequentar a Igreja sem serem julgados e aos poucos sejam evangelizados abrindo-se ao mistério maior de Deus.

Igual atenção deve ser dada aos casais de segunda união. Deve-se orientá-los sobre a possibilidade do processo de nulidade. A Câmara Eclesiástica Diocesana tem feito os encaminhamentos que até ela chegam e alguns casos têm sido solucionados. Esses casais sejam convidados a participarem da Igreja e de algumas pastorais. Há muitas pastorais que eles podem participar especialmente as que não estão ligadas a algum sacramento. Na dimensão social, há uma enorme possibilidade de participação.

Uma preocupação urgente é a perda do sentido de castidade. A juventude tem feito frequentes experiências sexuais e muitas dessas experiências resultam em gravidez precoce. Nestes casos jamais o aborto seja a solução e os pais tomem o cuidado para não expulsarem os filhos e filhas de suas casas. O casamento forçado também não é a solução. Deve se esperar a

criança nascer. Acompanhem com a evangelização o casal de jovens namorados e depois de amadurecidos eles poderão tomar a decisão se desejam mesmo o matrimônio.

O matrimônio seja a grande expressão do amor de Deus presente no mundo. Onde existir um homem e uma mulher que amam a Deus e se amam, instaura-se o novo paraíso do encontro das pessoas entre si e com Deus. O amor atrai, une e se abre ao futuro. O amor consagrado no altar, se bem vivido leva o casal e sua família ao Céu.

7. Ordem

Os ministros ordenados são homens a serviço do povo nas coisas relacionadas a Deus (Cf. Hb 5,1). O sacerdote não cai pronto do Céu. Ele é um homem que foi chamado por Deus para esse ministério. A sua preparação aconteceu ao longo de vários anos no seminário e, depois de aprovado, foi ordenado pelo bispo, configurando-o a Cristo para agir “in persona Christi”. O mundo precisa de Jesus e o sacerdote faz às vezes de Cristo na terra. Ele é o entregador das graças de Deus para as pessoas através da celebração dos sacramentos. Sua missão é a de santificar, ensinar e pastorear o povo do Senhor.

O Papa Bento XVI disse que o testemunho faz surgir as vocações. Penso no testemunho vivo dos sacerdotes que vão com muito amor doando as suas vidas em favor das pessoas. Entretanto, o testemunho suscitador de vocações não é só dos sacerdotes. Uma comunidade que ama a Deus, que valoriza o sacerdócio e que consegue ter bem distinta a identidade do padre, com certeza, vai rezar pelas vocações e do seu meio vão surgir jovens vocacionados à vida sacerdotal.

Grande parte de minha vida foi dedicada à formação dos futuros presbíteros e creio que eu deva ter participado da formação de mais de 30 padres antes de ser ordenado bispo. Aqui em Uruaçu o ritmo continua, pois herdei uma lavoura vocacional bem cuidada e já tive a graça ordenar 25 padres diocesanos. Alegro-me pelas vocações e pelos seminaristas que atendem ao chamado de Deus. Desejo que vocês seminaristas sigam com muita disposição o caminho vocacional. Escutem a voz de Deus que os chama para conviver com Ele e prepará-los para a missão. Busquem a ajuda necessária para discernirem se é realmente a voz de Deus que os chama e aprofundem no chamado. O seminarista cresce e amadurece na intimidade com Cristo por meio da oração, da meditação, do estudo, da pastoral e da vivência comunitária. É muito bom servir ao Senhor. Agradeço a Deus pelo dom da vocação de cada um de vocês e pelos formadores que não medem esforços para ajudá-los. Aos jovens vocacionados, devemos oferecer as nossas orações e incentivo para que

busquem respostas para suas inquietações vocacionais. Sou consciente que hoje mora nas paróquias e nas famílias o padre que amanhã irá servir nossa diocese. Vocês vocacionados podem ser esses presbíteros do amanhã.

O ministro ordenado é um formador do povo de Deus. Ele deve ser o primeiro a se interessar pelo bem do povo a ele confiado. Para o bom desempenho de sua missão, é necessário ser um homem que gosta de estudar, rezar, aperfeiçoar o relacionamento com todos e estar disposto a gastar a sua vida em favor do seu rebanho.

Sou feliz com o meu presbitério. São padres obedientes, que respeitam a mim e acolhem as minhas orientações. Creio que isso é fruto de uma sólida formação que receberam e do incansável trabalho e testemunho do meu predecessor. A dedicação dos presbíteros é grande. Eles cuidam com zelo da formação dos cristãos leigos e da sua formação permanente, da evangelização, corrigem-se mutuamente, deslocam-se por longas distâncias para atenderem às comunidades rurais, mesmo que essas sejam formadas por poucas pessoas. São zelosos no atendimento das confissões. Muitos se dispõem a trabalhar sem reclamar nas paróquias com menos recursos financeiros e humanos. Existe uma grande fraternidade presbiteral na diocese. Os padres têm o costume de se encontrarem uma vez por mês na reunião do clero. Sempre se fazem presentes em momentos significativos da vida dos irmãos como posse, aniversários, doenças e luto. Muitos sacerdotes dão apoio aos seminaristas e até os acompanham no dia da vinda para o seminário. Este é um clero maravilhoso e por isso aumentam as minhas responsabilidades enquanto bispo, pois o cuidado de joias raras é mais exigente. Tenho que tomar o cuidado para que o espírito do mundo não os desfigure.

Temos muitas cidades pequenas. Incentivo os padres a entenderem que jamais o pastoreio em uma comunidade com menor recursos financeiros pode ser visto como um castigo por parte do bispo, mas como uma missão necessária. Caso contrário o bispo ficará com a imagem de castigador, o povo pobre será visto como instrumento de castigo e o padre como o castigado porque fez algo errado. Esse tipo de pensamento não é cristão e não pode crescer no meio do presbitério. O zelo missionário leva o presbítero a trabalhar com alegria, mesmo onde não tem tantos recursos.

Existe no mundo um espírito treinado para desviar as pessoas dos seus bons propósitos e do bom caminho. Quantas pessoas, e não só padres, mas cristãos leigos, já estiveram entusiasmados pela missão, mas foram deixando que o espírito do mundo invadisse suas vidas e, dominadas por esse espírito, se esvaziaram deixando os bons projetos.

É preciso tomar o cuidado para não evitar o sacrifício. Ser padre é estar disposto a alegremente servir mesmo com dificuldades. Quando se coloca

em primeiro lugar os bens do mundo, o que é de Deus fica de lado e o sentido da missão se esvazia.

Não se pode esquecer que a ordenação aconteceu por causa da vocação que foi dada por Deus. O sentido vocacional do sacerdócio não está em desejos humanos de pessoas, mas no chamado divino. As pessoas passam e Deus permanece. Se a vocação existisse somente por causa do desejo de alguma pessoa da família, ou do círculo de amizade, quando essa pessoa que influenciou terminar sua vida, então a vocação poderá morrer. Mas, vale lembrar que a vocação está além do desejo de alguém em relação ao vocacionado, ela vem de Deus que é eterno.

O padre não pode se esquecer que é um celibatário. Não pode ficar querendo encontrar oportunidades que lhe satisfaçam os seus desejos, esquecendo-se de sua condição de consagrado ao Senhor na vida celibatária. Neste mundo erotizado, é preciso fazer crescer cada vez mais a consciência e o amor pelo celibato. Não se deve ter vergonha de dizer que é celibatário por causa do Reino de Deus e que essa disciplina da Igreja lhe é muito querida. Muitos meios eletrônicos podem prejudicar a fidelidade sacerdotal. É preciso tomar o cuidado com o pecado da infidelidade que chega com muita facilidade a todos.

A desonestidade está muito presente no mundo hoje. É necessário que o sacerdote seja um homem muito honesto. Não se pode apoderar de nenhum centavo de outras pessoas. É preciso usar de honestidade na administração dos bens da comunidade, das receitas e gastar o que for necessário sem esbanjar. Toda dívida deve ser paga. É preciso ser honesto com a Cúria Diocesana, pagando as taxas pedidas para a manutenção da mesma.

As celebrações litúrgicas devem ser bem preparadas para que ajudem as pessoas a se encontrarem com Deus. Todos a partir do sacerdote devem sair das celebrações mais humanizados e santificados. Já passou o tempo de sacerdotes bravos, nervosos e que gritavam com o povo. Quem ama fala com amor e até sussurra. Um casal de namorados que se ama não conversa gritando. Atender com pouca atenção, com raiva, aos gritos pode ser falta de amor.

O padre tem direito a um dia de folga na semana. Segunda-feira é o dia de folga. Somente por motivo de doença ou necessidades urgentes, esse dia pode ser estendido. É um escândalo o sacerdote que se ausenta na segunda, ou mesmo na tarde de domingo e só retorna na quarta ou quinta. O Pastor precisa estar perto das ovelhas. Por menor que seja a paróquia, sempre tem algo a ser feito. Pode se visitar as pessoas, ir às comunidades, ler e acima de tudo rezar. Se não tiver nada para fazer na comunidade, passe o dia em oração. O testemunho do padre vai ajudar as pessoas. Em geral onde há esse bom testemunho melhora a participação dos fiéis, o dízimo aumenta e, quando se está construindo, o

povo ajuda muito.

Não dá para pensar mais em apenas atender às pessoas e celebrar os sacramentos. É preciso ser ousado nas ações pastorais.

Na Diocese de Uruaçu, existe um bom testemunho de convivência por parte de muitos padres. Participam das reuniões mensais, passeio do clero e de muitos eventos diocesanos. Existem também aqueles que se deixam ser vencidos pelo espírito do mundo e fogem, se isolam e gostam de agendar compromissos nestes dias reservados para os encontros. Isso acaba se tornando um mal. Um muro não cai por acaso. Sua queda se dá porque surgiu uma pequena inclinação que não foi corrigida e a mesma foi aumentando até derrubá-lo.

Todo sacerdote necessita muito de oração. Sua vida é de sacrifício. Ele vive a alegria e a tristeza num mesmo dia. Num mesmo dia pode celebrar batizados, casamentos e exéquias. Em uma Missa, podem existir intenções de sétimo dia e de aniversário natalício. Ele mesmo tem seus problemas particulares. Algumas horas até chora sozinho. Os problemas de sua família sanguínea também o afetam. Por isso algumas vezes o padre pode estar com uma feição de angústia e nessas horas o povo deve oferecer a Deus suas preces por ele.

A obediência do sacerdote se prolonga na comunidade a ele confiada. Por causa da obediência algumas vezes o padre não pode atender os desejos da comunidade. Ela por exemplo gostaria que ele estivesse presente em algum evento, mas na mesma ocasião está acontecendo um evento diocesano e então por causa da obediência o padre se ausenta da comunidade. A obediência também se expressa na disponibilidade para servir a Igreja onde for necessário, em aplicar na paróquia as decisões da diocese e em ser um humilde servidor na Igreja de Jesus. Uma comunidade obediente acolhe, embora com sofrimento, a decisão do bispo quando faz a transferência de algum padre. Sofre, mas não se revolta.

Através dos sete sacramentos acontece a santificação do povo de Deus. Nesta Carta Pastoral, sem me preocupar com questões doutrinárias, estou procurando discorrer sobre a realidade diocesana que encontrei e tenho experimentado ao longo destes sete anos. Algumas situações são louváveis e outras precisam ser corrigidas. A dinâmica dos sete, o número da perfeição nos faz pensar e agir. Penso que essas reflexões sobre os Sacramentos da Igreja nos ajudam em nossa santificação.

Quarta parte

4

Os Sete Dons do Espírito Santo

Os dons do Espírito Santo ajudam no sustento da vida moral dos cristãos. Eles colaboram com o ser humano a estar mais aberto para ser conduzido não pelo espírito do mundo, mas pelo Espírito Santo. Estes sete dons especiais ajudam a pessoa a buscar a perfeição e a estar aberto às inspirações divinas. São eles: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus.

Durante sete anos, tenho atuado na Diocese de Uruaçu. Celebrei muitas crismas, ouvi muitas pessoas rezarem pedindo a presença do Espírito Santo. Os dons do Santo Espírito têm sido buscados com intensidade. Fico me perguntando se depois de sete anos, já não deveríamos estar mais santos, começando por mim. Como estamos abertos para que as perfeições de Deus transpareçam em nós? Certamente houve muito crescimento, mas não podemos nos dar por satisfeitos para não sermos tocados por ventos contrários. Quero dizer uma palavra de missão sobre cada um dos dons do Espírito Santo.

1. Sabedoria

Existe uma misteriosa sabedoria divina que conduz as pessoas neste mundo. Para encontrar essa sabedoria se faz necessário estar sintonizado em Deus. É preciso ter vida de oração e permitir ser reconquistado pela graça. A Sabedoria se liga a ter o gosto de algo. É preciso que nossa vida tenha o gosto de Deus e tenha sabor de bondade. Necessitamos ter o gosto de buscar a sabedoria revelada por Deus.

O grande Rei Salomão quando recebeu o serviço da condução do povo não pediu riquezas, mas a sabedoria para bem governar (2Cr 1,8-10). No serviço pastoral, muitas vezes, se faz necessário calar para ouvir o que o Senhor está falando por meio das pessoas com as quais trabalhamos, vemos e convivemos. Nas mais variadas situações que contemplamos, precisamos ouvir o Senhor. O Sábio é uma pessoa vazia de si, mas aberta a acolher a misteriosa sabedoria divina.

Deus tem falado constantemente com os seus filhos. A Igreja é uma estrada por onde vai e vem a sabedoria divina. Quem trafega por essa estrada se

deixa ser tocado por essa divina sabedoria. Essa misteriosa sabedoria encontra-se especialmente nas Sagradas Escrituras e nos documentos eclesiais.

Pedir o dom da Sabedoria é estar disponível a aprofundar-se no mistério da revelação e no mistério da condução divina da vida neste mundo.

Desejo que nossa Diocese tenha muito gosto pelos ensinamentos de Deus, pela formação, pelo crescimento e participação na catequese que gera discípulos missionários de Jesus.

Vale dizer que a sabedoria não está vinculada ao grau de inteligência ou conhecimento, pois uma pessoa sem estudos pode ter uma grande sabedoria do Espírito Santo. Como será bom se todos dermos passos largos no crescimento em direção à sabedoria. Sabedoria e santidade caminham de mãos dadas.

2. Inteligência

Este dom é também conhecido como o dom do entendimento. Não se trata da capacidade intelectual de alguém. Existem pessoas na sociedade que são aclamadas como inteligentes devido as suas capacidades de negócios, estudos, compreensão de conteúdos e invenções. Um aluno na escola quando tem um currículo com boas notas é considerando possuidor de grande inteligência. Em espiritualidade, o dom da inteligência se refere à capacidade de perceber a revelação divina. É dom da inteligência o acolhimento de Jesus como Filho de Deus. É pelo entendimento que, na Eucaristia, Jesus está presente, sob as espécies do pão e do vinho.

Por este dom, a pessoa se torna capaz de perceber a divindade escondida no mistério da humanidade. Por ele, descobre-se a beleza da realidade divina e se deixa tocar por ela e também se descobre a pequenez do ser humano tão circundado por misérias. Descobre-se ser criado pelo Deus da vida e que traz em si o hálito divino, mas também se descobre tão frágil como um ser que é modelado, a partir do barro e tem muitas misérias.

Esse dom tem muitas influências pastorais. Para um encontro verdadeiro com Cristo, necessita-se muito desse precioso dom, pois como acreditar, acolher e amar se não lhe é revelada a divindade? Assim o pregador habitado pela revelação e entendido nas realidades divinas adquire um encantamento tão grande que como São Paulo Apóstolo chega a dizer: “Ai de mim se não evangelizar” (1Cor 9,16).

Desejo que a leitura orante da Bíblia seja muito praticada na Diocese especialmente nos grupos de catequese. Antes de iniciar essa leitura se faz necessário pedir o dom da inteligência para adentrar no mistério revelado na

santa palavra a ser rezada.

Uma grande aceitação do mistério da Igreja, da vocação, da hierarquia, dos sacramentos depende muito de uma revelação interior através deste dom especial do Espírito Santo.

Esse dom revela a nós a nossa grandeza e as nossas misérias. A nossa dignidade e grandeza está em sermos filhos de Deus e vocacionados à eternidade. A nossa miséria também é grande e sempre temos que estar nos levantando das muitas quedas. Uma intensa vigilância nos ajuda a mantermo-nos de pé. O dom da inteligência, nos levando a entender nossas misérias, nos ajuda a sermos mais humanos e compreensivos conosco mesmos e com as pessoas. Um relacionamento de ternura pode ser construído a partir dele.

Uma pessoa humilde que não se impõe às outras, que respeita e ajuda a outra a se levantar quando cai, que não tem nojo do cheiro do pecado da outra pessoa e que se põe a ajudá-la é uma pessoa possuidora desse dom.

Rezo a Deus para que nos envie esse dom, pois entendo que sua presença ajudará na perseverança e fidelidade dos católicos. Os sacerdotes terão mais ânimo para a missão e haverá menos abandono do ministério. As vocações na Igreja serão mais abundantes.

3. Conselho

A vida humana é feita de muitas escolhas. Temos que sempre fazer opções. Existem pessoas que ficam indecisas em determinadas horas sobre o que fazer. Não sabem qual é o melhor caminho para trilhar. O dom do Conselho ajuda a pessoa a decidir. Ele ajuda a pessoa a fazer sua opção fundamental na vida. Ajuda a escolher o que é mais necessário. O cristão faz escolhas que o conduzem neste mundo para uma felicidade mais plena em Deus. Aconselhado pelo Espírito Santo dificilmente alguém vai optar por abandonar a Cristo, praticar o pecado, deixar de alimentar sua vocação, ser infiel à vocação e aos bons projetos assumidos.

Por este dom, muitos cristãos vão amadurecer suas opções por uma vida mais digna, mais santa em palavras e ações. Dificilmente quem recebe esse dom vai se alegrar com uma vida de ódio, vinganças, fofocas, desânimo, violência e morte espiritual.

Esse dom nasce de uma profunda intimidade com o Senhor. Jesus prometeu um mestre interior aos seus apóstolos para os ajudar a dizer uma palavra certa nos momentos difíceis. “Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós” (Mt 10,19-20).

Para que exista uma boa organização e funcionamento pastoral, se faz necessário ouvir o Espírito Santo que aconselha internamente o sacerdote, mas também aos participantes dos grupos. O dom do Conselho não é monopólio de uma única pessoa.

Esse dom retira toda espécie de autoritarismo. Quando se notar qualquer postura autoritária, impositiva com certeza está faltando aí o dom do conselho, pois esse dá permissão para agir com autoridade sem autoritarismo.

4. Fortaleza

Esse dom impede um estacionamento no caminho da santidade. Por ele a pessoa busca a perfeição, evitando toda espécie de comodismo ou fuga. Jamais podemos nos acomodar ou viver apáticos. Por causa do dom da Fortaleza, as pessoas se expõem sem medo até mesmo de doar a própria vida como fizeram os mártires.

Esse dom pode ser notado naquelas pessoas que são perseverantes, mesmo tendo grandes dificuldades. São fortes as mães que suportam os vícios dos filhos ou do esposo e não desanimam. Para muitas delas, esse sofrimento dura 20, 30 ou 40 anos e elas seguem confiantes de que um dia a vitória vai acontecer.

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, teve esse dom de ser firme na oração, pedindo a conversão de seu filho até conseguir.

O dom da Fortaleza se faz necessário aos discípulos missionários de Jesus para que não desanimem diante das injúrias, das calúnias e perseguições sofridas. Vivemos cercados de fraquezas que tiram o nosso ânimo, nos fazem cair e sermos espetados na carne como dizia São Paulo. Somos necessitados da Fortaleza Divina.

O Dom da Fortaleza não é apenas uma força que vem de fora para nos sustentar, mas é o próprio Espírito Santo dentro de nós para nos tornar fortes. Ele mora em nós para nos fortalecer especialmente na vivência da missão que Deus nos confiou.

A Igreja seria sem vida se lhe faltasse esse dom. O mesmo se pode dizer de cada pessoa individualmente. Os agentes de pastorais e os ministros ordenados são os mais tentados a parar, a abandonar a missão, mas a ação do Espírito Santo ajuda a superar e ser forte para agir.

Com a força do Espírito agindo na comunidade teremos catequizandos perseverantes e animados a prosseguirem, crianças dispostas a crescer na comunhão com a Igreja, adolescentes e jovens fervorosos, adultos fieis em Cristo e idosos dando um bom testemunho sobre a vivência da vida na fé e com fé.

5. Ciência

Estamos no tempo de grandes avanços nas ciências. O mundo, os seres vivos e inanimados, a terra, a água e os espaços siderais são intensamente pesquisados. A cada dia a Ciência realiza importantes descobertas.

O dom da Ciência, enquanto dom do Espírito Santo, não se refere tanto a este espírito de pesquisas científicas, mas na capacidade que é dada por Deus para que seus filhos descubram na vida e nas coisas criadas as perfeições divinas e por essas descobertas louvem o Criador. É o dom que nos ajuda a compreendermos divinamente como Deus compreende as coisas e por meio delas possamos ser elevados a Ele. É o dom que nos ajuda a olhar o mundo com os olhos de Deus, amá-lo com o seu coração, pensá-lo como Ele mesmo pensa. Por esse dom entramos no interior das coisas criadas e lá descobrimos a misteriosa presença divina.

Por uma intuição do Espírito Santo, as pessoas conhecem a Deus a partir das coisas criadas. Há uma compreensão de que os seres humanos são obras das mãos divinas e por conseguinte trazem em si os reflexos de Deus. O mais importante é descobrir que a criação se torna caminho para chegar a Deus. Como são belas as obras das mãos divinas. Em tudo há um ensinamento e o dom da ciência ajuda neste descobrimento que tudo remete ao criador.

Os frutos deste dom da Ciência são grandes, pois as pessoas se tornam desapegadas dos bens materiais, das realidades humanas e tudo se volta para Deus. Há um vestígio de Deus nas coisas criadas e por isso não paramos nelas, mas por elas chegamos a Deus. Tudo neste mundo é passageiro e não se deve cristalizar a vida nas coisas. Não podemos nos apegar às coisas criadas inclusive a vida humana e às pessoas que amamos. Passamos por elas, mas o nosso objetivo é chegar a Deus. O dom da ciência nos ajuda a sermos peregrinos da fé, enquanto contemplamos as belezas de Deus ao longo do caminho. Somente quem tem esse dom consegue perceber a revelação divina escondida na criação.

6. Piedade

O dom da Piedade gera em nós uma afeição filial, respeitosa e amável para com Deus e todas as realidades divinas. Uma pessoa piedosa não desrespeita o nome de Deus, os santos, os ambientes sagrados, os ministros sagrados e todos os irmãos porque são todos habitação do Espírito Santo.

A oração da pessoa piedosa é cheia de vida, ultrapassa o compromisso de rezar e torna-se um profundo colóquio com Deus. O piedoso não é uma

pessoa briguenta, pois sabe que palavras agressivas ofendem a Deus que ama e mora na vida humana; inclusive, sabe que Ele habita os porões da humanidade, ou seja, onde se imagina que Ele não pode estar por existir ali tanta miséria humana.

A piedade transparece no olhar, no tratamento caridoso, nos gestos, na postura. Este é o dom encontrado especialmente nas pessoas que vão se esforçando para crescer na intimidade com o Senhor. Feliz de quem é e ajuda as pessoas a serem piedosas. Não é um dom somente encontrado em pessoas adultas, ou idosas. Existem muitas crianças, adolescentes e jovens piedosos. Não é algo que vem de fora, mas nasce do interior. Aprendemos a ser filhos de Deus e a amá-lo não de fora, mas a partir de um afeto que nasce e cresce de dentro para fora.

A piedade pode se esvaziar. É preciso tomar o cuidado para alimentá-la sempre para que cresça. Um sacerdote piedoso será fraterno, amoroso, terá longos períodos de oração, visitará especialmente os sofredores e enfermos, evitará a ironia, a fofoca, a maledicência. A piedade nos enche de Deus. Uma pregação ungida em geral nasce nos lábios de um pregador piedoso.

O tempo da Crisma é por excelência o momento de se aprofundar neste dom e ajudar aos crismandos a crescerem nele. O que se observa é que nem sempre existe a consciência deste dom. Fala-se nele e dele, mas falta vivência. Muitas vezes na celebração da Crisma não se nota essa piedade nos crismandos e em seus padrinhos. Essa fraqueza vem de uma família fragilizada que tem tempo para tantas coisas, mas não para Deus.

É muito bom celebrar a Eucaristia em meio a um povo piedoso. É bom que na Diocese existam muitos sacerdotes, consagrados e leigos piedosos. Não podemos ter medo de buscar com toda intensidade de nossa alma esse dom. Se houvesse mais piedade haveria menos crimes, corrupção, infidelidades, vinganças, desonestidade e afastamento da comunidade. Sejamos missionários anunciadores da piedade.

7. Temor de Deus

As pessoas nos tempos atuais têm muito medo. Uma onda de medo avança sobre a terra. Existe o medo do mal que o semelhante pode causar, medo das catástrofes na natureza, medo no trânsito, da perda da saúde e de muitos benefícios. Existem também os medos espirituais. Pessoas que tem medo das forças maléficas, medo da perda da salvação e do castigo divino. Tudo isso está ligado a um temor mundano e espiritual, mas não se refere ao temor de Deus.

O dom do Temor de Deus refere-se a um amor filial. É o respeito e o

amor que o filho tem para com o pai. Em relação a Deus, tem-se consciência de que é seu filho muito amado. Na relação com o Pai, nasce um amor tão grande que o filho teme se afastar Dele com atitudes que possam entristecê-lo. Temer a Deus é ter uma atitude filial para com Ele e amá-lo de todo o coração se esforçando sempre para não ofendê-lo através do pecado. Quem teme a Deus tem uma atitude de contrição, sente muito quando o pecado o afasta do Pai, por isso não permite que sua consciência se acostume ao pecado. Evita as ocasiões que podem afastá-lo de Deus, pois teme perder o amor filial.

Um dos caminhos da pastoral para se cultivar o temor de Deus não é pregar o pecado, o medo, o castigo, a condenação, mas levar as pessoas a subirem ao Tabor para terem a alegria de contemplar o mistério de Deus, pois naquele monte o Senhor se transfigura e mostra a Sua Glória.

Desde pequeno deve-se cultivar a consciência não de ser vigiado por Deus, mas amado por Ele. Um relacionamento filial com Deus vai conduzir o filho ao encontro com Ele para ouvir sua palavra, participar da sua vida e do seu amor. Deus não é alguém distante, mas um pai amoroso que ri, chora e caminha com seus filhos. Os filhos que temem a Deus o respeitam, o amam e têm o prazer de conviverem com Ele e jamais querem se afastar dele. Qualquer atitude de ofensa ao pai causa dor no filho.

Não se pode deixar de anunciar o Temor de Deus e ajudar as pessoas a se educarem nesta mística de um amor filial.

Quinta Parte

5

Os Sete Pedidos

A oração que Jesus ensinou aos seus discípulos tem vários nomes: é conhecida como Pai Nosso, Oração Dominical e Oração do Senhor. Nesta oração faz-se sete pedidos. Os três primeiros nos ajudam entrar e contemplar a glória de Deus e os outros quatro indicam os caminhos para se chegar a participar desta glória divina. Nesta reflexão que lhes entrego, estou percorrendo várias realidades espirituais totalizadas pelo número sete que representa a perfeição de Deus. Vou dizer uma palavra sobre cada um destes pedidos que nós discípulos de Jesus fazemos diariamente especialmente na reza do terço e na celebração do santo mistério da Eucaristia.

1. Santificado seja o vosso nome

O nome de Deus é santo por excelência. Rezar “santificado seja o vosso nome” é reconhecer a santidade de Deus e o que Ele é e fez em favor da humanidade, impregnando o mundo com Sua Santidade, inclusive marcando o mundo com a presença santa de seu filho.

Diante do mistério de Deus, só podemos exclamar sua grandeza e deixar brotar em nós um eterno louvor e ação de graças a Ele. Também podemos nos esforçar para que tudo em nós e por nós expresse a santidade do nome de Deus. Essa é uma realidade que nos puxa para o alto. Reconhecemos que Deus é santo e queremos que sua santidade esteja presente no mundo e nossa vida participe dela.

Podemos considerar nossa Diocese como um santuário onde Deus está presente e derrama sua santidade sobre nós. É preciso anunciar a santidade de Deus, porém sua santidade não O leva a afastar-se da humanidade. Desde o princípio, quando o homem caiu no pecado, Ele veio a sua procura no meio do jardim, perguntando onde Adão estava. Adão somos todos nós. E Jesus desejou unir os discípulos, rezando ao Pai para que todos sejam um (Cf Jo 17,21). A unidade passa pela santidade. Se quisermos uma Diocese mais unida, clero unido, consagrados unidos e famílias unidas, precisamos permitir que o nome de Deus seja santo entre nós.

2. Venha a nós o vosso reino

Jesus fez uso de muitas Parábolas para explicar o que é o Reino de Deus. Ele anunciou a necessidade de conversão porque o reino estava próximo. No Pai Nosso rezamos, pedindo que venha o Reino de Deus. Este reino existia antes mesmo do começo do mundo e chegou até nós por Jesus. Para a plenitude do Reino peregrinamos até que chegue o final dos tempos. Não se pode deixar de pedir que venha o Reino de Deus. É preciso manter viva a fé em Deus sem perder a esperança da eternidade. Jesus afirmou que o reino está crescendo como o fermento na massa, ou o grão de mostarda (Cf Mt 13,31-33). Esse crescimento é invisível aos olhos humanos.

Este pedido nos encoraja a sermos mais evangelizadores. É preciso acreditar na força do Evangelho que gera conversão. Fico impressionado como os Apóstolos saíam anunciando o Evangelho para as pessoas. Eles acreditavam no que anunciavam. É preciso que toda a Diocese seja mesmo evangelizadora. Não podemos nos preocupar só em dar cursos, mas formar discípulos evangelizados. Dificilmente alguém evangelizado vai deixar de seguir Jesus. No passado as famílias eram mais evangelizadoras. Ouvimos pessoas mais adultas dizerem que jamais deixarão a religião, pois tem uma história familiar de fé e desejam prosseguir. Anunciar o Reino de Deus e provocar o encantamento por ele é a grande missão dos evangelizadores para gerar a fidelização do católico na Igreja.

3. Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu

Qual é a vontade de Deus? Ele deseja que todos os homens sejam salvos (Cf 1Rm 2,3-4). Foi-nos dado o mandamento do amor como expressão de sua vontade (Cf Jo 13,34). Na Revelação, Deus mostra a si mesmo e o que espera de seus filhos. O esforço para realizar a vontade de Deus é um caminho de santificação. É muita ingratidão saber o que Deus deseja e ficar apático à sua vontade colocando a nossa vontade no lugar da Dele. Por essa petição rezamos para termos a graça de entrarmos no mistério da vontade de Deus e permitir que ela se realize em nós.

Na Diocese, a vontade de Deus pode ser vivida especialmente pelo esforço de conversão, busca de santidade, práticas de misericórdia e justiça, no engajamento na vida eclesial e na obediência. A Igreja precisa da obediência de seus filhos sacerdotes não só na transferência de encargos, mas na aplicação das decisões diocesanas, na participação nos eventos diocesanos, na comunhão com o Bispo, nas ações pastorais e na formação das pessoas para o verdadeiro sentido de ser Igreja comunhão. Os fiéis também vivem a vontade de Deus sendo cristãos esforçados para viverem o Evangelho, participarem da Igreja,

santificarem as famílias e a si mesmos e sendo cristãos obedientes. É bonito quando a obediência dos sacerdotes é acompanhada pela obediência dos paroquianos. É preciso se perguntar sempre como estamos vivendo a vontade de Deus nas coisas que estamos realizando. Assim essa vivência santa passa a fazer diariamente parte de nosso caminho.

O testemunho de muitas pessoas quanto a vivência da vontade de Deus nos encanta. Quero dar um destaque ao testemunho dos religiosos e consagrados que tanto nos animam a viver a vontade de Deus. Eles são pessoas inteiramente disponíveis que tem como meta antecipar o reino dos Céus para este mundo. Vão e vem com muita facilidade, atendendo aos apelos missionários do Senhor. Os consagrados e consagradas, por meio da vivência dos conselhos evangélicos e de uma profunda vivência de intimidade com Cristo, são verdadeiros tesouros da Igreja. Estou muito feliz ao lado de vocês. A vida religiosa e consagrada na diocese é uma graça a ser descoberta. Precisamos de mais religiosos e religiosas entre nós. Sei que vocês são pessoas e têm as limitações. O bonito é que Deus sabe disso e os chamou. Alegrem-se pelo chamado de Deus e a Ele se entreguem generosamente. Vocês são sinais do Reino de Deus acontecendo entre nós.

4. O pão nosso de cada dia nos dai hoje

Pedir é sinal de humildade, pobreza e necessidade. Pedir o pão de cada dia a Deus é reconhecer quem Ele é. Deus é o Senhor da vida e nós somos apenas administradores dos bens. Tudo a Deus pertence. Pedir o pão é pedir a força e a coragem para trabalhar, ter um emprego digno ou realizar uma administração justa de tal forma que o pão exista para todos. Não se pode cair numa falsa concepção de providência achando que Deus providenciará tudo e não seja necessário trabalhar. É muito abençoado aquele pão produzido com o esforço diário de cada filho de Deus.

Por outro lado, há aquelas pessoas enfraquecidas que necessitam da caridade de outras para se alimentarem. Pedir o pão de cada dia é se dispor a ter um coração generoso e caridoso para que ninguém passe fome. “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 15,16). É muito bom viver como se tudo dependesse de Deus. Esse pedido expressa a confiança em Deus.

5. Perdoai as nossas ofensas

Pedir perdão é gesto de humildade. O perdão renova a vida e dá mais disposição para prosseguir. Jesus sabendo da condição frágil de seus discípulos os ensinou a pedir ao Pai o perdão e ao mesmo tempo a se comprometerem a perdoar. O perdão renova a amizade, refaz a família, livra o casamento do

fracasso e restabelece a fraternidade. Deus mesmo é o primeiro a dar o passo perdoadando os seus filhos. Jesus ensinou os discípulos a serem generosos no perdão perdoadando sempre. Quem costuma pedir perdão fica mais amável e reconhece a sua fragilidade com mais facilidade e por isso tem o caminho do Céu aberto.

A Diocese de Uruaçu clama a Deus o perdão. O Céu está cheio de pessoas perdoadadas. Eu sempre preciso do perdão de Deus e das pessoas. Nestes sete anos de episcopado, eu sei o quanto tive que buscar a misericórdia de Deus e quantas vezes as pessoas perdoaram as minhas falhas e os meus pecados. Agradeço a ternura misericordiosa das pessoas. A confiança de ser perdoado dá coragem para arriscar a seguir em frente. Quem não é perdoado vai para a prisão dos seus sentimentos e dos sentimentos alheios. Quase sempre esses sentimentos trazem em si uma espécie de angústia que vai matando pouco a pouco. Quer ver uma pessoa feliz? Conceda-lhe o perdão. Como Deus é a paz e a felicidade, Ele nos faz sempre felizes, quando buscamos o seu perdão.

6. Não nos deixeis cair em tentação

Existe um ditado popular que diz que “é melhor prevenir do que remediar”. Isto significa que o remédio é bom, combate a doença já instalada, mas se puder impedir que ela se instale é muito melhor. O pecado é fruto de uma tentação não vencida. Por isso, para o crescimento espiritual, Jesus ensina ao discípulo a suplicar ao Pai para ser forte diante das tentações. Não pede que elas nunca existam, mas que seja capaz de não cair nelas. Tentações sempre existiram. Até mesmo Jesus, o Santo de Deus, foi tentado. Ter tentações não é pecado, mas ser vencido por elas, sim, se torna pecado. A tentação nos ajuda a descobrirmos as nossas misérias e com a Graça do Espírito Santo podemos discernir e evitar sermos por ela vencido. Por meio da oração é que o fiel se torna forte para não sucumbir.

Fico me perguntando quais são as nossas tentações enquanto Igreja Diocesana. São muitas: apego ao poder, vingança, desleixo, autoritarismo, clericalismo, orgulho, prepotência, comodismo, fofocas, violência, dependências químicas, infidelidades, desonestidades, relativismos, dessacralizações e muitas outras. Precisamos verdadeiramente rezar muito, dobrar os nossos joelhos diante do Senhor, clamando para não cairmos nas tentações e correndo o risco de sermos mais pecadores do que somos.

7. Mas livrai-nos do mal

Jesus, ao se despedir dos Apóstolos, rezou ao Pai, pedindo para que fossem guardados do maligno (Cf Jo 17,15). O mal, embora vencido por Deus

no altar da Cruz com a morte de Cristo, está no mundo e pede carona na vida. É grande a maldade existente no mundo. Às vezes ficamos espantados com o tamanho da maldade praticada por algumas pessoas na sociedade. Males de todas as espécies estão sempre a prejudicar a vida. Alguns são muito assustadores como a corrupção, o tráfico de drogas e de pessoas, a violência, a exploração do ser humano, a humilhação, os conflitos familiares, assassinatos, aborto e tantos outros. O ser humano sofre muito quando é atingido pelo mal. O sofrimento vem tanto para quem é atingido diretamente, bem como para as pessoas que estão mais próximas especialmente os familiares.

No lugar do mal, deve estar o bem maior que Deus colocou no mundo. Jesus é este bem maior. O ser humano que se esforça para viver em Cristo, Nele e por Ele vai progredindo sempre em santidade e o mal vai deixando de reinar em sua vida.

Quais males existem em nossas comunidades, famílias, em nossa vida pessoal, na sociedade, na política, nas escolas, nas áreas da saúde, nas ruas, nas casas, no comércio, na economia, nos meios de comunicação?

Todos os evangelizadores desta amada Diocese tem a missão de apresentar Cristo a todos para que o mal seja vencido. Os males são trevas e Jesus é luz. Trevas não combinam com luz. Entre trevas e luzes peregrina o ser humano, mas o poder da luz é maior. É preciso caminhar na luz do Ressuscitado. Existem áreas da vida humana que ainda não foram evangelizadas. O Papa Francisco nos disse que existem zonas de vida pessoal que ainda não acolheram o Evangelho.

Peçamos ao Pai que nos dê seu Filho Jesus e assim sejamos livres dos males.

Esses sete pedidos do Pai Nosso são verdadeiramente um itinerário para nosso crescimento. É como um resumo da mensagem do Evangelho. Dom Orlando Brandes, que pregou o retiro para o Clero de Uruaçu, disse que sua irmã lhe ensinou a rezar o Pai Nosso. Hoje ele vive pedindo a Deus o perdão porque não consegue viver plenamente o Pai Nosso. Ele disse que muitas vezes se confessa, fazendo o seu exame de consciência, a partir desta bela oração que Jesus ensinou aos seus discípulos. A nossa Diocese de Uruaçu pode crescer na vivência destes sete pedidos.

Sexta Parte

6

As sete dores de Nossa Senhora

Todo ser humano mais cedo, ou mais tarde faz a experiência da dor. Recordo-me que, no começo de minha vida no seminário, quando meditava os sofrimentos dos santos e de Jesus, eu ficava inquieto e uma vez fui falar com o diretor espiritual dizendo que eu não estava sofrendo. Minha vida estava muito boa. Ele me disse que com certeza o sofrimento viria no futuro. Hoje eu sei o quanto já hospedei a dor na minha vida. Porém o sofrimento iluminado pela fé é diferente. Ele tem um significado encorajador. As dores de Nossa Senhora foram dores humanas e nela nos sentimos apoiados para não desanimarmos na nossa vida e missão.

No ritmo de reflexão que estou fazendo durante estes meus sete anos de episcopado, venho dizer também uma palavra sobre cada dor da Mãe de Jesus.

1. Primeira dor – Profecia de Simeão

Maria e José levaram Jesus ao Templo de Jerusalém. Simeão, um homem piedoso, tomou o menino nos braços e louvou a Deus por ter contemplado a Jesus. Naquele momento, profetizou que Maria teria seu coração vazado por uma espada (Cf Lc 2,34-35). Ela não se deixou vencer pelo medo e seguiu obediente ao que o Pai havia pedido a ela.

A virtude da obediência de Maria nesta Profecia merece ser seguida por todos nós. Não existe vida sem obstáculos. Nem todos os trabalhos pastorais são aprovados por todos e isso muitas vezes causa dor, mas é preciso seguir tendo em vista o bem da Igreja. Não se trata de agir isoladamente, mas algumas vezes surgem forças contrárias que desejam desestruturar os bons projetos. Nesta hora é preciso olhar a comunhão de irmãos e não se deixar vencer pela dor da espada que quer dividir.

2. Segunda dor – Fuga para o Egito

Herodes queria matar o menino Jesus. José fora avisado em sonho e com Maria e o menino fugiu para o Egito (Mt 2,13-14). A dor de Maria foi grande por saber que queriam matar o Redentor. Ela teve que ficar exilada no Egito por um longo período. Ali estava Jesus escondido no seio daquela família

santa. Ela sabia que sua dor traria salvação para a humanidade.

Por causa de um bem maior Maria sofreu essa dor sem se desesperar. As grandezas de Deus chegam para nós no silêncio. É preciso saber esperar e muitas vezes até se calar e ficar escondido.

Há em nossa Diocese muitas pessoas escondidas em sua pobreza, humilhação, sofrimento, na enfermidade, no pecado e na discriminação. Tem vergonha de virem para a Igreja. O que nós, como Igreja, podemos fazer para sermos solidários com as pessoas que estão no seu exílio existencial? Penso que o mínimo que podemos fazer é abrir as portas de nosso coração e de nossas comunidades para acolhê-las dizendo que não importa a condição de miséria espiritual em que se encontram o importante é que estão ali e o Senhor quer se encontrar com elas.

Não podemos ser como Herodes que, com medo de perder o poder, assusta, ameaça e faz as pessoas fugirem para o seu exílio existencial.

3. Terceira dor – Perda do menino Jesus em Jerusalém

“Acabados os dias da festa da Páscoa, quando voltaram, o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que os pais o percebessem. Pensando que estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia e o procuraram entre parentes e conhecidos. E, não o achando, voltaram a Jerusalém à procura dele” (Lc 2,43b-45). Podemos imaginar como foi grande essa dor de Maria. Ela tinha consciência do tesouro que era o seu filho para a humanidade. Ela cuidava desse tesouro. Sua agonia foi imensa. Perder o Senhor não é fácil; é preciso conservá-lo em nós, para que O apresentemos ao mundo. Ela ficou muito agoniada, mas depois quando O encontrou percebeu que aquela perda era para a glória de Deus. Ele estava cuidando das coisas do Pai.

Esta dor ilumina as situações vocacionais em que os pais não querem liberar os filhos para o serviço de Deus ou sofrem porque os filhos partem por causa de Cristo. Muitas mães ficam angustiadas com a partida dos filhos, mas essa dor se transforma em alegria, quando se percebe o valor da vocação. É muito importante fazer a vontade de Deus, a qual vai muito além da vontade humana. A vontade de Deus abre um horizonte maior e se prender somente à vontade humana é não trilhar um caminho de felicidade.

4. Quarta dor – Doloroso encontro no caminho do calvário

Ao conduzir Jesus, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que vinha do campo, e o encarregaram de levar a cruz atrás de Jesus. Seguia-o grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e o lamentavam (Lc 23, 26-27). Entre as mulheres que seguiam Jesus diz a tradição que estava

sua mãe. Este encontro foi doloroso para ela, mas a sua presença materna, naquele caminho, foi de grande alento para a redenção da humanidade realizada por Jesus.

São muitas as pessoas que vivem situações de calvário. Nossa Diocese não pode deixar de acompanhar com fé, presença e amor essa grande romaria de sofredores. Nesta peregrinação, a presença dos cristãos e especialmente dos membros da Igreja deve ser para o alívio e jamais para aumentar a dor. É por causa da fé e do amor que ninguém consegue afastar-se de quem caminha no sofrimento. Se existe afastamento com certeza estão faltando essas duas importantes virtudes: amor e fé.

Existem muitos desencontros na sociedade, nas famílias e até nas comunidades. Desejo que sejamos favorecedores de encontros que modificam para melhor a vida humana e espiritual. Existem encontros que se tornam maléficis, mas os encontros cristãos devem ser promotores de vida saudável.

5. Quinta dor – Maria aos pés da Cruz

A mãe de Jesus permaneceu junto à cruz na agonia e morte de Seu Filho. As mães sofrem quando seus filhos adoecem, quando acontece algo errado com eles e especialmente quando estão em sofrimento. Maria viveu a dor do acompanhamento do Filho sofredor morrendo na cruz. Sua dor foi aliviada pela sua fé e pela compreensão do projeto do Pai.

É impossível viver sem dor neste mundo. Desde o nascimento até à morte, a dor está presente. Um sábio fez uma pesquisa sobre em que consiste a vida e chegou à conclusão que a vida consiste em sofrer. Viver é superar sofrimentos. Eles aparecem quando menos se espera. Tudo pode estar bem, mas logo em seguida pode vir uma angústia, uma dor, ou sofrimento. A humanidade passa grande parte do seu tempo aos pés da Cruz juntamente com Maria.

Na Diocese de Uruaçu, também devemos estar muito tempo abraçados a cruz onde agoniza o filho de Deus, hoje representado por tantas pessoas que sofrem. Para estar aos pés da cruz, precisa-se de muita fé, amor, oração e confiança em Deus. O verdadeiro discípulo de Jesus não abandona a cruz.

6. Sexta dor - Maria recebe Jesus descido da cruz

“Chegada a tarde, porque era o dia da Preparação, isto é, a véspera de sábado, veio José de Arimateia, entrou decidido na casa de Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos, então, deu o cadáver a José, que retirou o corpo da cruz” (Mc 15,42).

Novamente o corpo de Jesus está nos braços de Maria. A primeira vez foi em Belém; era uma beleza do corpo de um recém-nascido em seus braços; agora o corpo está ferido, maltratado, vazado pela lança e morto. A morte do filho é sempre dolorosa para todas as mães. Os sentimentos de Maria se entrelaçam com os sentimentos de todas as mães que veem seus filhos morrendo a cada dia por causa de drogas, vícios, violências e tantas outras situações.

Com Maria que recebeu seu filho morto nos braços renovemos nossa confiança em Deus para que tenhamos coragem de prosseguir depois da morte das pessoas que muito amamos. É gesto de amor acolher as famílias enlutadas, dar apoio, oferecer a ajuda espiritual. Os corpos das pessoas falecidas não são objetos qualquer. Eles foram criados por Deus, hospedaram o Espírito Santo e precisam ser respeitados e sepultados ou cremados com dignidade. Eles têm um grande valor especialmente para os parentes. As celebrações das exéquias sejam bem feitas de forma que fortaleçam a fé e a esperança dos enlutados.

7. Sétima dor – Jesus é sepultado

“Os discípulos tiraram o corpo de Jesus e envolveram em faixas de linho com aromas, conforme é o costume de sepultar dos judeus. Havia perto do local, onde fora crucificado, um jardim, e no jardim um sepulcro novo onde ninguém ainda fora depositado. Foi ali que puseram Jesus” (Jo 19,40-42a).

Todo sepultamento deixa um vazio. O corpo vai para o túmulo e começa-se o vazio da partida. Maria contemplou Seu Filho sendo colocado no túmulo. Ela viveu a angústia daquele momento. Quem está vivo pode a qualquer momento ter que fazer essa experiência de despedida.

A Bíblia diz que vida começou num jardim e Jesus foi sepultado num jardim. A partir deste sepultamento surge uma nova humanidade. O túmulo de Jesus hoje está vazio, pois Cristo ressuscitou. Ele vive.

Algumas situações em nossas vidas precisam ser sepultadas para que possamos viver. Não podemos ser cemitérios ambulantes sem vida. Sejamos o jardim de onde surge a nova vida.

A meditação das sete dores de Nossa Senhora nos faz crescer. Neste tempo de episcopado, deparei-me muitas vezes com as dores das pessoas e com as minhas pessoais. Somente quem está anestesiado não sente dor. Vivemos muitas situações de dor. O Documento de Aparecida fala dos rostos que doem em nós (DAP 8.6). Nossa Senhora das Dores é a mãe que caminha com seus filhos sofredores.

Sétima Parte

7

As sete alegrias de Nossa Senhora

A última parte desta carta quero dedicar à alegria. O Papa Francisco baseou sua Exortação Apostólica na Alegria do Evangelho. Percebemos como todos gostam da alegria. Nossa Senhora teve a alegria de ter consigo Jesus, comunicador da Boa Nova para a humanidade. Vamos contemplar as alegrias de Nossa Senhora. Na Jornada Mundial da Juventude, o Papa ainda falou da importância do Bispo ser alegre. Eu já vivi muitas alegrias durante estes setes anos de episcopado. A minha maior alegria é saber que posso fazer a vontade de Deus onde Ele me quer. Por isso digo sempre sim a Deus através da Igreja que me solicita presença e serviço.

1. Primeira alegria – A Anunciação e a Encarnação (Lc 1, 26-33, 38)

Certa vez conversando com o reitor da Basílica da Anunciação, que está em Nazaré, ele manifestava a sua alegria de servir a Deus naquela Basílica, dizendo que ali foi o começo do grande mistério de Jesus Cristo. Maria foi visitada pelo Anjo Gabriel e recebeu o anúncio do que Deus esperava dela. Ela acolheu a vontade do Senhor e o Verbo se encarnou. Estava selada a grande aliança de Deus com a humanidade. Deus assumiu a carne humana e a humanidade abriu-se à divindade. Essa foi a primeira grande alegria de Nossa Senhora. Acolher o que Deus pedia dela e permitir que em seu ventre o Verbo se encarnasse.

Na nossa vida de Igreja devemos nos alegrar com os serviços que Deus nos pede para realizarmos. Quando o Núncio Apostólico me comunicou que o Papa havia me nomeado Bispo, eu senti um temor e ao mesmo tempo uma grande alegria. Temor devido as minhas limitações e alegria por saber que Deus quis me escolher para servir o seu povo. Precisamos nos alegrar quando nos é pedido para fazermos algo pela Igreja. Seja nos trabalhos pastorais, na organização da comunidade, ou na presença e testemunho, devemos acolher esse pedido da Igreja e nos alegrar. Por esse motivo o sacerdote não deve se entristecer quando a Igreja lhe pede o exercício de seu ministério em outro lugar, realizando uma transferência. Os fiéis devem aceitar essa necessidade e acolherem a vontade de Deus expressa na voz da autoridade da Igreja. Quando uma pessoa é eleita, indicada para coordenar alguma pastoral ou movimento deve sentir dentro de si uma grande alegria por poder servir ao Senhor.

Maria ficou muito alegre com o que Deus estava realizando na vida dela. Nós também devemos nos alegrar se Deus nos escolher para algo, mesmo que seja situações que nos custe, ou nos faça sofrer. Dizer não às solicitações de Deus deixa uma marca profunda que fica para o resto da vida. Dizer sim causa uma alegria intensa que se expande e contagia a todos.

2. Segunda alegria – Visita à sua prima Santa Isabel (Lc 1,39-45)

Maria subiu a região montanhosa de Judá para visitar sua prima Isabel que estava grávida. Quando chegou à casa de Isabel e a saudou, a criança pulou no seu ventre e Isabel cheia do Espírito Santo reconheceu que Maria era a Mãe do Senhor esperado. Maria disse o canto do Magnificat. Esse belíssimo cântico revela a alegria sem par que tomou conta de Maria naquele momento. Ela reconhece que Deus fez maravilhas na sua vida. Fez grandes coisas em seu favor.

Saber que não estamos sozinhos neste mundo, em nossas casas, comunidades e trabalhos deve nos alegrar. A alegria maior deve nascer da consciência de que Deus está realizando maravilhas na nossa história pessoal e comunitária. Essa alegria de Nossa Senhora nos leva a superar o pessimismo. Estou consciente de que, durante este tempo em que estou a serviço da Diocese de Uruaçu, o Senhor realizou maravilhas e fez grandes coisas em nosso favor. Convido cada agente de pastoral, ministro ordenado, consagrado e comunidade a contemplar as maravilhas que Deus realizou na vida de nossa Diocese. Não quero com esse convite pedir que fiquem olhando para nós, ou para os coordenadores e ministros, mas sim para o quê Deus realizou em nosso meio e a ele rendamos graças. Nossa alma engrandeça ao Senhor pelo que ele fez em nosso favor.

3. Terceira alegria – O nascimento de Jesus (Lc 2, 6,7)

No nascimento de Jesus tudo era muito simples. O ambiente era muito pobre, sem recursos, mas ali estava uma mãe feliz. Deus nasceu dela. O Verbo que se encarnou, foi gerado nela, agora estava visível para o mundo. Ali ela podia ouvir o choro de Deus, os movimentos de Deus e Ele que era o Todo poderoso se deixou ser cuidado por ela. Maria se alegrou com nascimento do filho de Deus. Colaborar com o nascimento de Deus deve ser uma grande alegria.

Todo ato de evangelização, toda ação pastoral deve colaborar para que a vida de Deus nasça mais profundamente na vida das pessoas. Devemos nos alegrar porque podemos ajudar o Senhor nascer nas vidas das pessoas. Devemos evitar toda espécie de serviço triste em favor da Igreja. Tudo deveria ser iluminado pela alegria do nascimento do Senhor nas vidas. Nossas

Liturgias sejam verdadeiros lugares de nascimento de Jesus nas vidas das pessoas. Não se deve celebrar a Liturgia sem vida, proclamar a Palavra de Deus com o semblante triste e nem distribuir a Eucaristia sem unção e alegria.

A alegria do nascimento de Jesus ilumine as trevas da vida humana, traga alegria para os entristecidos e dê muito ânimo aos servidores de Deus na sua Igreja. Com Maria, alegremo-nos, pois o Senhor nasceu e está entre nós.

Maria teve a alegria de cuidar do menino Jesus enrolando-o nas faixas e dando-lhe aconchego. Precisamos ter muito carinho com Deus. É muito gratificante cuidar de Deus que se faz pequeno para entrar em nossa vida. Cuidemos dele e sua vida se desenvolverá e se tornará grande em nós.

4. Quarta alegria – Adoração dos magos (Mt 2,1-2,10-11)

Os magos do Oriente vieram para adorar o Senhor. A Jesus ofereceram seus presentes, ouro, incenso e mirra. A gruta de Belém se transformou numa tenda de adoração. Um menino recém nascido havia atraído gente de longe e diante dele seus joelhos se dobraram e com grande reverência adoraram a presença de Deus chegada na terra. Maria contemplava e se alegrava porque sentia que Deus estava sendo descoberto na pessoa do seu filho.

Hoje temos a alegria de ter entre nós a presença viva de Jesus. Trabalhamos com o dado da fé, com a espiritualidade e com a realidade divina. Tenho uma inquietação sobre o porquê em muitas paróquias existe apenas a conservação das pessoas que participam e este número não cresce. Por que as pessoas não se despertam para virem ao encontro do Senhor para adorá-lo? Os magos viram uma estrela no oriente, a seguiram e foram até Jesus. Cada cristão precisa ser uma estrela que brilhe no caminho dos outros e atraia pessoas para Cristo. Se não houver comunidades missionárias muitas pessoas vão continuar acomodadas em suas vidas e não se sentirão verdadeiramente atraídas por Cristo.

É urgente redescobrir o poder de atração que levaram os magos a se deslocarem de suas terras para irem ao encontro do Senhor. Maria se alegrou com a adoração dos magos e continuará se alegrando com a aproximação de todos aqueles que vem para adorar o Senhor. É preciso despertar quem está adormecido na fé para que redescubra a Cristo.

5. Quinta alegria – Encontro do menino no Templo (Lc 2,41-50)

Os pais de Jesus subiram à Jerusalém para a festa da Páscoa. No retorno, o menino ficou em Jerusalém e, ao notarem a sua ausência, retornaram para procurá-lo e o encontraram no Templo, discutindo com os doutores da lei.

Maria se alegrou mais uma vez por encontrar o seu filho que imaginava estar perdido, mas Ele lhe disse que estava cuidando das coisas do Pai. Houve alegria pelo encontro e por saber que seu filho era zeloso com as coisas de Deus.

Nossa alegria deve ser grande quando encontramos o Senhor. São muitas as oportunidades que temos para esse encontro. O Documento de Aparecida fala da necessidade de realizarmos um verdadeiro encontro com Cristo. Há muitas situações e lugares onde podemos nos encontrar com o Senhor. Tenhamos a alegria de procurá-lo e encontrá-lo.

Certamente a alegria de Maria aumentou quando soube que seu filho estava cuidando das coisas do Pai. O zelo pelas coisas de Deus deve ser grande em nós. A primeira realidade que pertence a Deus é a vida. O cuidado da vida deve ocupar grande parte de nossas ações. É preciso colaborar com os organismos que cuidam da vida, somar forças e espantar os fantasmas e monstros que prejudicam a vida. As coisas de Deus são muitas em nossas realidades pastorais. É preciso ter grande zelo por elas.

Exorto muito aos agentes de pastorais, aos ministros a não descuidarem das coisas de Deus. Muitas vezes gasta-se muito tempo cuidando de outras realidades e as coisas de Deus ficam para depois. Nas famílias e na vida particular das pessoas, quando as coisas de Deus ficam para depois, começa a existir um esvaziamento e as pessoas vão se distanciando. É preciso cuidar das graças que recebemos do Senhor nos sacramentos, cuidar da Palavra que nos é entregue, cuidar das pessoas sobre as quais temos responsabilidade.

Como Maria, tenhamos grande alegria sempre que encontrarmos o Senhor. Façamos o esforço para ir atrás dele, para o procurar com toda intensidade.

6. Sexta alegria – Ressurreição de Jesus (Mc 16,1-7)

A morte foi vencida com a Ressurreição de Jesus. Uma alegria muito grande começou a animar aos apóstolos quando foram tomando conhecimento da Ressurreição. A mãe de Jesus se alegrou. Ela teve motivos para entristecer, pois a morte representava a frustração, o fim das esperanças que Deus havia depositado em seu coração. Mas a Ressurreição reacendeu a esperança e a alegria.

O anúncio de Cristo ressuscitado vai despertando alegria na vida das pessoas. Existem muitas situações em que acontecem as mortes dos bons ideais, dos valores humanos e cristãos, a vida vai sendo diminuída. Essas situações são envoltas por tristezas. Quando, em meio a essas mortes, surge a esperança, especialmente a partir de Jesus, uma nova alegria ressurge. É preciso ser missionário da alegria. Anunciar a vida nova em Cristo. Todo

mensageiro dessa mensagem libertadora de Jesus deve sentir-se antes de mais nada iluminado por Cristo. Maria alegrou-se por saber que a morte foi vencida. Devemos nos alegrar por saber que não estamos mais sobre o domínio da morte, vivemos na dinâmica de Cristo ressuscitado.

É preciso ajudar muito as pessoas a se libertarem dos túmulos que as prendem. Como exemplo, podemos nos lembrar dos casais que não vivem dignamente a vida matrimonial; os sacerdotes que não dinamizam pastoralmente a vida paroquial, as situações que impedem os crismados de serem perseverantes e as situações que fazem com que haja apego pelo poder, pelo ter e pelo prazer. Acolhendo a Cristo alegremo-nos como Maria se alegrou. Ele está vivo.

7. Sétima alegria – Assunção e coroação como rainha do Céu

Terminada a sua missão neste mundo Maria foi elevada ao Céu em corpo e alma e coroada como rainha do Céu e da terra. Sua vida terminou bem. Ela viveu cheia de Deus neste mundo e chegou definitivamente em Deus repleta da vida dele. Sua alegria foi grande por ter sido fiel e ter cumprido a missão que o Pai lhe confiou.

Quando recebi os ministérios de leitor e acólito, dentro do caminho para o sacerdócio, o meu pároco me disse que o importante não é só começar bem, mas terminar bem. Maria viveu plenamente essa realidade em sua vida. Ela começou bem e terminou bem. Nós somos responsáveis pelas coisas de Deus que estão em andamento. É preciso colaborar para que elas cheguem ao bom termo. A começar por nossa vida particular. Precisamos torná-la plena do sentido, pois um dia estaremos diante do Senhor para apresentar o que somos e vivemos. Será muito bom se nosso encontro for cheio de vida e de alegria por acolher a plenitude de vida que Deus tem a nos oferecer.

Todas as nossas ações pastorais caminham para o mesmo fim, que é Deus. Devemos nos alegrar por saber que no final o Senhor nos espera e poderemos apresentar-lhe o resultado de nossas ações. Com Maria, vamos nos alegrar porque tudo está encaminhado para a Bem aventurança final. Façamos todo esforço possível para que a nossa opção fundamental não seja desviada e com perseverança possamos terminar bem o que Deus começou em nós.

No início do século XV, a devoção das alegrias de Nossa Senhora surgiu na Itália por iniciativa dos franciscanos. A alegria é um sentimento bom e que dá muitas motivações para as pessoas. Assim nesta última parte de minha carta pastoral quis apresentar-lhes as alegrias da Virgem Mãe de Deus e desejar que sejamos todos alegres servidores do Senhor em sua Igreja.

Conclusão

Percorrendo este caminho meditativo por meio da escalada do numeral sete com seu significado de fé, podemos perceber como Deus nos chama a sermos sempre mais dele. Esta carta redigida em sete partes foi composta a partir dos meus sete anos de episcopado, do simbolismo do número sete na Bíblia, dos sete sacramentos da Igreja, dos sete dons do Espírito Santo, dos sete pedidos do Pai Nosso e das sete dores e sete alegrias de Nossa Senhora.

Poderia ainda ampliar a reflexão tomando as sete palavras de Jesus na Cruz. Ainda poderia, nesta dinâmica, pensar nas bodas de Caná da Galileia. Naquele evento, seis talhas foram cheias com água. Jesus, por milagre, a transformou em vinho. A comunidade é como sétima talha que deve ter sua vida transformada na vida de Jesus. Assim é nossa missão na Diocese: Sermos em Cristo transformados.

Não quis falar das sete palavras de Jesus na cruz, mas elas têm um profundo significado pastoral. Também não falei sobre os sete pecados capitais que a Igreja tem o desafio de vencê-los com a força do Evangelho. Como o sete representa o infinito, a perfeição, permitamos que nossa vida seja atraída pelo infinito amor de Deus e não escravizada pela maldade do pecado.

A graça que emana de Cristo hospeda-se em seus discípulos e deve ser difundida como um rio de graça levando paz, saúde e bem estar entre os filhos e filhas de Deus. O Apóstolo Pedro, ao ir tomando conhecimento de sua missão, consultou seu Mestre sobre o perdão. Jesus o orientou a ser vida de perdão, a não reter em si o que Deus quer distribuir para a humanidade. “Pedro chegando a ele, perguntou-lhe: “Senhor quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes”? Jesus respondeu-lhe: “Não te digo até sete vezes, mas setenta e sete vezes” (Mt 18, 21). Quem vive em Cristo, com Ele deve ser portador da sua misericórdia para os outros. Para que nossa Diocese prossiga nos seus trabalhos apostólicos e missionários, se faz necessário ser sempre uma diocese que ama, perdoa e motiva a perseverar.

Sete cestos cheios, que sobram da multiplicação das graças do Senhor, estão em nossas mãos (Cf. Mt 15, 37). Levemos esse precioso alimento a todos os cantos de nossa Diocese. Existem muitas pessoas precisando do alimento espiritual para o sustento de suas vidas.

Sede Episcopal de Uruaçu, sétimo ano do meu episcopado, Ano Diocesano da Caridade, dia 25 de Março, sétimo aniversário de minha posse canônica na Diocese de Uruaçu, Solenidade da Anunciação do Senhor – ano de 2014.



*Dom Messias dos Reis Silveira
Bispo Diocesano*

Impressão e Diagramação:
Digital Gráfica e Impressos Ltda.
Fone: (62) 3323-1126

Revisão:
Prof. Dr. Luiz Fernando Fonseca Silveira